

reconhecer

olhar o urbano através do detalhe

Estamos em um momento marcado pela polaridade de discursos. Tal ocasião dificulta a coesão de ideias e impede, quase por completo, o enfrentamento do problema e a possibilidade de solução. Isso se reflete, também, em questões relativas ao futuro das cidades. No que tange a sua paisagem se percebe duas vertentes claras. Uma liderada por aqueles que, com veemência, desejam parar o tempo e proteger o legado histórico, considerando qualquer ação intrusiva à memória; outro governado por aqueles que entendem modernizar como abolir o passado, substituindo construções que julgam ultrapassadas por edifícios novos que pretendem mascarar momentos já vividos. No nosso entendimento, deve-se buscar um equilíbrio entre essas duas posturas. Continuar construindo a história, sem desdenhar dos ganhos do passado, incorporando traços do contemporâneo no substrato de outros tempos.

Entendendo que preservação não diz respeito apenas à manutenção de edificações previamente selecionadas pelos órgãos competentes, e sim pela conservação de construções que contribuem para a consolidação da identidade de determinada região, tal onda preservacionista começou a se expandir também sobre edificações de um passado menos distante, ampliando a escala do protegido. Dado que todo o edifício é patrimônio – tendo ele valor arquitetônico ou não – no sentido de herança, legado, história, a parcela de preservação fica maior a cada dia. Contudo nem todo o bem deve ser mantido apenas por representar o passado. Critérios de avaliação devem ser bem calibrados a fim de evitar a “inflação do patrimônio”.

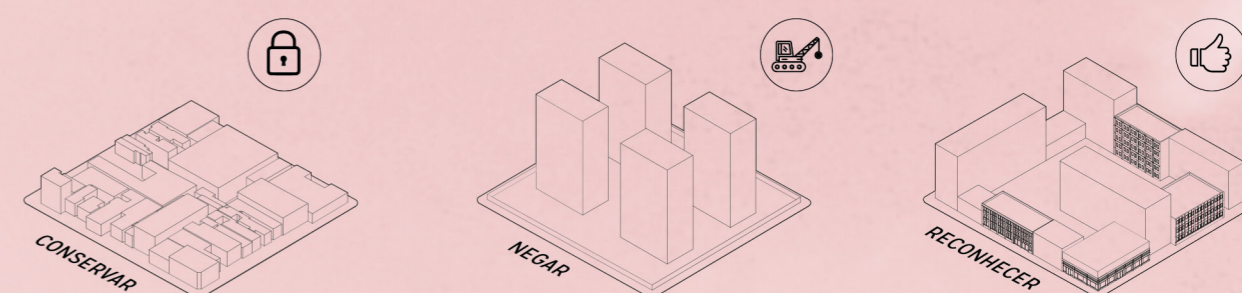
Na área de estudo deste trabalho ainda restam alguns exemplares de um período fabril que são capazes de reavivar nossa memória. Signos que intentam em nossas mentes um passado cheio de vitalidade vivido por essa região da cidade quando no seu auge. Para tanto, se faz necessário **RECONHECER** essas edificações. Pavilhões industriais - a simples cobertura de duas águas e os típicos sheds - edifícios de pequeno porte datados dos anos 80 e edifícios maiores e mais contemporâneos que os anteriores configuram, principalmente, as construções eleitas como permanência. Esse conjunto, somados aquelas edificações previamente selecionadas e obrigatoriamente protegidas por lei, representam marcos que desempenham um papel importante na conformação da ambiência da região. Buscamos, com isso, facilitar a apropriação da população através do reforço da identidade local. Isso porque, os edifícios obsoletos clamam por preservação – não por modernização – convertendo o passado em uma fonte mais potente que o futuro.

Conquanto, quando falamos em reconhecer, não pretendemos compreender apenas a ambiência assegurada pelas edificações. A intenção é um todo, mais amplo e abrangente. Na área da proposta

consolidam-se algumas questões significativas a serem destacadas. Trabalhar a coexistência dos tempos é uma delas. Legitimar a dimensão histórica do território e não começar do zero, pelas marcas do lugar, por **RECONHECER** como território usado. No uso/valor/sentido do passado vem aquilo que pode promover o futuro. Isso porque, até o século XX as cidades eram geralmente organizadas em deferência ao indivíduo, e isto significava uma cidade mais humana. Encontramos no movimento do Novo Urbanismo, referências para orientar o trabalho, no sentido de resgatar a essas antigas práticas ao apontar conceitos e artifícios inovadores no planejamento de comunidades.

Na ausência do prefixo re, demonstramos outro viés da proposta. O agora **CONHECER** diz respeito aquela conexão afetiva, aquele vínculo, que leva em conta muitíssimos outros fatores além do grão, das alturas, do regramento imposto pelo plano diretor municipal. Afora, também, de fatores ligados a densificação e a reestruturação da zona. Conhecer é compreender, é discernir, é valorizar. É acreditar que em uma cidade pensada para as pessoas, o convívio e a troca de ideias devem ser abundantes. Este é o ambiente para demonstrar a analogia com o movimento de mudança lento, porém duradouro. Nesta constante e sutil revolução, estão expressas as diferenças: atitude/cultura/pensamento. Toda essa colcha, composta das diferenças, é que compõe o todo interessante do polinômio **RECONHECER**. Assim, a presente proposta tira partido dos reflexos da intervenção pontual. Quando se fala em revitalização, a ideia da acupuntura urbana assume importância. Ações pontuais que geram um círculo de abrangência. Isso não significa isolar a ação bem intencionada, ela deve ser pensada como parte de um todo amplo e definido.

Para tanto, da paisagem da cidade, selecionamos e apresentamos dois cenários de forma mais detalhada. **RECONHECER** a existência de tais ambiências, para, então, demonstrar intenções e desenvolver projetos de desenho urbano que configurem uma resposta mais adequada para cada situação. Isso porque, acreditamos que não exista uma solução padrão para os problemas da cidade, e que essa só será encontrada mediante uma investigação detalhada e cuidadosa. Ambas áreas selecionadas apresentam um elemento âncora que foi capaz de estruturar a proposta. Na primeira, tal elemento se faz edificado pela antiga Companhia de Fiação e Tecidos Porto Alegrense, que, fruto de uma intervenção recente, configura um condomínio fechado. Já na segunda, o ponto de importância se apresenta sob a forma da antiga fábrica Neugebauer, um grande imóvel catalogado como edificação de estruturação que, mesmo abandonado, se encontra bem preservado. A identificação da dualidade dessas zonas - uma que já foi alvo de intervenção, e a outra que ainda se encontra sob forma original - e a proposição de um projeto urbanístico para cada uma delas representa a essência do trabalho apresentado.



ÁREAS DETALHADAS

Mesma área, duas situações. Uma com a necessidade de reconhecer o impacto negativo de intervenções contemporâneas, e a outra, preservada, com potencial de ser uma melhor resposta à cidade do futuro.

